

## A LITERATURA E A MÁQUINA DA SUBJETIVIDADE

Clara Etienne (UnB)

Para aproximar-se de uma definição de subjetividade o mais recomendado é não buscar o molde, pois essa moldura a que se acredita ser o limite da realização do sujeito não existe. É pensando nessa impossibilidade de delinear um sujeito que Félix Guattari propõe um sujeito processual, como um efeito realizável, um quase anti-modelo já proposto por ele próprio e Gilles Deleuze ao incentivarem o abandono à busca de caminhos certos de julgamento em nome de uma procura de novas sensibilidades criadoras. E esse seria o papel da crítica teórica: criar uma nova maneira de sentir os estímulos. A subjetividade, nessa acepção, realiza-se em vias de virtualização, ou, como nos fala o próprio Guattari, em “instantes de eternidade”, ou, ainda, em “territórios existenciais”, e torna-se a expressão do ser em um momento dado.

Se pensarmos na impossibilidade de garantia da individuação do sujeito no mundo da propaganda e do consumo, temos que concordar que não há quem consiga esgueirar-se do merchandising global. O sujeito em seu primado de indivíduo autêntico, enclausurado em suas convicções está, de fato, há muito, morto.

Muitas foram as designações arroladas para se referir ao ser humano na sua capacidade de ver, pensar e agir dentro das mais diversas situações. Sai de cena a individualidade e entra a coletividade. Não há fato isolado capaz de determinar a postura do sujeito. Agindo em consonância com outros sujeitos, o homem recebe e exprime constantemente estímulos diversos, passando a figurar dentro de uma grande orquestra. Uma performance sempre variável, e não uma constante ontológica.

Por todas as razões até aqui expostas, os estudos na área das ciências humanas têm dado importância à subjetividade. É a subjetividade que consegue esgueirar-se da massificação, dando lugar à introspecção. A subjetividade é o reconhecimento de que algumas construções são mentais e de que nossos valores são vulneráveis (OLSON, 1994).

Então, mesmo que a subjetividade se realize em um dado momento, ela se realiza virtualmente. Segundo Thomas Tadeu da Silva:

(...) o termo subjetividade tenta dissolver qualquer noção essencialista de sujeito, como entidade singular ou privilegiadamente humana, bem como para fugir de dicotomias tradicionais como as que separam o humano e o não-humano ou o psíquico e o social. (Silva, 2000, p.15)

Ao pensar na subjetividade como ação do ser no mundo, não podemos reduzir essa discussão à simples oposição entre sujeito individual e sociedade, pois negaríamos algo que é inerente à subjetividade, que é o lugar onde se realiza a identidade, ou a diferença.

Recorrendo à contribuição dos estudos lingüísticos, Guattari encontra na raiz da linguagem, o modelo de máquina abstrata de Noam Chomsky; o que ele irá chamar de máquina desterritorializada, ou, simplesmente, máquina abstrata. Estamos diante da subjetividade como possibilidade de territorialização de um paradigma.

A dualidade sintagma e paradigma presente no início dos estudos lingüísticos estruturalistas propostos por Saussure define objetivamente que a linguagem está estruturada em uma cadeia enunciativa ordenativa, o que ele chamou de sintagma. Esse

sintagma, por sua vez, pode sofrer alterações múltiplas, de acordo com as mais diversas situações. A diferença, ou melhor, o elemento diferenciador seria o paradigma.

Guattari, apesar de não se auto-definir estruturalista, e de atacar as teorias dualistas, herda dessa via de investigação não só várias definições, mas um pouco da tentativa de ordenar e visualizar as construções do *socius*, da *psique* e da natureza. A utilização do termo paradigma para a definição de subjetividade pode ser entendida, por agora, como uma possibilidade de performance de uma subjetividade. Entretanto, sobre a questão do paradigma particularmente, reservamos uma parte específica deste artigo.

Guattari considera a subjetividade um ponto importante para a compreensão dos problemas que envolvem a humanidade na atualidade, pois o fato da subjetividade estar em contínua produção possibilita a criação de novos paradigmas e permite a re-singularização do homem em relação autêntica com outras subjetividades.

Por outro lado, o estudioso nos lembra que a subjetividade pode ser manipulada pelas engrenagens do sistema e massificada de forma embrutecedora. Milhões de indivíduos podem ser submentidos a realizarem uma subjetividade imposta pelos meios de comunicação de massa, ou por qualquer outro meio de agenciamento, um verdadeiro mundo de fetichizações, onde o valor ideológico sobrepõe-se ao valor de troca, criando sobre determinado objeto um valor que não corresponde à sua finalidade. Logo, esse “objeto”, julgado por um critério ideológico, é o que Marx chamou de fetiche. Theodor Adorno, um dos pensadores da Escola de Frankfurt, retoma a discussão do fetiche ao atacar a sociedade de consumo, que também industrializou a cultura. Assim, o fetiche passa a ser um componente ideológico capaz de adulterar a essência daquilo que é cultural.

Nesse sentido, Guattari é categórico ao afirmar que toda ação humana que não tem como finalidade a criação de uma subjetividade que enriqueça sua relação com o mundo, desvaloriza o próprio sentido da vida, esfacelando a imagem do eu.

A consciência de que o potencial de produção humana está cada vez mais acelerado no tempo, coloca-nos diante de um futuro muito mais próximo. Mas que futuro seria esse? Um futuro catastrófico? Ou um futuro surpreendentemente repleto de criação cultural e reivenção do meio ambiente?

Dessa indagação sobre o futuro, surge como hipótese a previsão trágica de destruição da existência do homem e do planeta. Um alarme criado pelos textos de Guattari, que, no entanto, menos assustam e mais ensinam, na medida em que não apontam a tragédia da humanidade como um fim único e certo, mas como um alerta.

Sua fórmula para uma retomada de consciência diante da própria vida é a *Ecosofia* que compreende a relação da humanidade com o *socius*, com a *psique* e com a “natureza”, o que corresponde a *As Três Ecologias*. Nesse trabalho é defendida a tese de que o homem precisa, necessariamente, rever suas relações com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo; pois, do contrário, a humanidade estaria caminhando para o seu fim.

Interessa-nos, particularmente nessa proposta, interar-nos de como se dá essa relação do sujeito consigo mesmo, ou seja, de como se dá a produção da subjetividade.

O sujeito é multiplicidade, e uma multiplicidade resultante de um trabalho contínuo de produção da subjetividade. Para Félix Guattari e Gilles Deleuze, pensar o sujeito do século XX é pensá-lo junto a uma máquina de produção de subjetividade, em oposição à antiga idéia de unidade coerente, durável e individualizada.

Entender a lógica de produção dessas subjetividades é entender como o sujeito reage às inovações nos dias de hoje. Longe de ser definida de maneira objetiva, a subjetividade leva-nos ao reconhecimento de um conjunto de partículas não-formadas, de processos de subjetivação em plena formação. “*Você tem a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de uma vida (independente da duração), de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma matilha (independente da regularidade). Ou pelo menos pode tê-la, pode consegui-la*” (GUATTARI, 1990, p. 16)

A subjetividade, nessa concepção, pode ser entendida como os efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar o ser humano em variadas formas de sujeitos, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e da prática de outros sobre eles. Logo, podemos entender a partir dessas práticas a intensa capacidade criadora e criativa do sujeito, e também a sua vulnerabilidade aos agenciamentos da subjetividade.

Os agenciamentos aparecem nos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil platôs*, o termo é utilizado para significar qualquer combinação ou organização dispare, sem qualquer hierarquia ou organização centralizada, de elementos, fragmentos ou fluxos das mais variadas e diferentes naturezas: idéias, enunciados, coisas, pessoas, corpos, instituições. (SILVA, 2000, p. 15)

A capacidade de produção da subjetividade reside, inicialmente, na percepção de que somos seres muito mais não-subjetivados do que imaginamos, por isso podemos agir sobre nós mesmos para habitar essas formas não-subjetivadas de existência. É no local onde ainda não há paradigma territorializado que o sujeito se realiza na condição de agente de sua própria subjetividade.

Em recente publicação, Alain Taoureine e Farhad Khorokhavar (2004) falam da importância de considerarmos a dessubjetivação como um momento de ruptura capaz de levar o homem ao encontro de sua “sombra”, ou seja de um encontro com a ausência de regras e normas pré-estabelecidas lançando-o no mundo do desconhecido e não-determinado, um momento em que a liberdade faz-se, de fato presente, um momento, sobretudo, de auto-conhecimento.

Esse *locus* de realização, explica-nos Rose ao falar sobre a multiplicidade de nossos eus, não deve ser entendido como uma forma oculta, mas como um plano imanente, uma dimensão, um plano de consistência. ( ROSE, 2001, p.146.) Guattari e Deleuze chamaram essas formas não-subjetivadas de *hecceidades*, para, a partir daí, traçar o plano oposto à hecceidade, o que seria o plano da organização, da estratificação e da realização da subjetividade, o que eles chamaram de *territorialização*.

Os conceitos de hecceidade e de territorialização presentes na teoria da produção da subjetividade são essenciais para a compreensão de como se dá o funcionamento da “máquina de subjetivação”.

Retomando essa oposição, temos que a territorialização, ou plano de organização, não pára de trabalhar sobre a hecceidade, que é o plano de consistência. O plano de organização tenta preencher as lacunas para evitar a desterritorialização, ao passo que a hecceidade, inversamente, não pára de evadir-se do plano de organização.

Essa dualidade entre o plano de consistência e o plano de organização (ou hecceidade *versus* territorialização) poderia ser encarada como as duas faces de uma só moeda que seria a produção da subjetividade, pois a nulidade de uma das partes causaria

sua estagnação. Ou, se nos aproximarmos, ainda que lentamente, do processo da leitura; essa dualidade poderia ser entendida como o plano da interpretação e o plano da expressão, sendo que na ausência de uma deles não se dá a realização do texto.

Voltando à acepção da subjetividade, é preciso considerar que, se a relação que nós sujeitos temos com nós mesmos não é de movimento, fluxo, evasão e preenchimento, é porque estamos sendo dominados por determinada territorialização; o que faz com que nossa subjetividade seja controlado por estruturas de agenciamento. Nesse caso, o sujeito se ausenta em sua hecceidade (consistência) e passa a ser subjetivado por uma organização, estratificação, movimentos e forças de outros humanos, objetos, instituições e etc.

No entanto, reduzindo a produção da subjetividade aos dois lados de uma só moeda, estaríamos desprezando aquilo que faz dela um acontecimento plural, que são os pontos de virtualidade que se entrecruzam quando da formação de um território existencial. Então, poderíamos ser mais fiéis ao conceito de subjetividade se pensássemos nela, não só como “a moeda de dois lados”, mas como uma das moedas dada de troco em uma compra, em um determinado lugar por ocasião de determinada transação comercial. Ou seja, há uma série de acontecimentos paralelos que dão fundamento ao acontecimento daquela moeda. Aproximando-nos, novamente, do processo da leitura: é necessário considerar entre texto e leitor os espaços vazios, as lacunas que possibilitarão a interpretação.

Apesar da dificuldade de definir pontualmente o que nos propõe Guattari, tomaremos o conceito de subjetividade como o nome dado aos efeitos de criação e recriação de forças, práticas e relações que se propõem a transformar o ser humano em variadas formas de sujeitos de suas próprias práticas, ou da prática de outros sobre eles.

Guattari descreve a produção da subjetividade usando a imagem de uma constelação de universos existenciais. A idéia de universo cria uma imagem capaz de representar a virtualização das possibilidades de existência. A virtualização da existência será entendida aqui a partir do conceito de virtualidade desenvolvido por Pierre Levy. O virtual para Levy não é aquilo que não é real, mas aquilo que não está em foco em dado momento, e permanece no plano da existência, ou seja, é aquilo que não é atual.

Voltando à idéia de Constelação de Universos Existenciais, teríamos a seguinte lógica: a Constelação é composta por diversos Universos de Referência, cada um representa uma hecceidade fora do tempo discursivo pronta a ser ocupada por um dado paradigma. Esses paradigmas, por sua vez, também são conjuntos de linhas de virtualização. As hecceidades, dentro desse panorama, representam focos de eternidade aninhados entre os instantes, em que cada instante deve ser territorializado segundo o movimento da máquina de produção da subjetividade.

Para essa concepção de subjetividade, o tempo deixa de ser vivido passivamente e passa a ser uma ação orientada e mutável, de modo que a percepção da subjetividade produzida deixa de ser a interpretação de um conteúdo latente preexistente e passa a ser a invenção de novos focos que possibilitem bifurcar a existência, criando outros paradigmas. Mais uma vez, podemos fazer uma aproximação desse momento, ao momento de fruição de que nos fala Barthes em *O prazer do texto*, ao propor a leitura como uma atividade eminentemente prazerosa, impulsionada por um desejo que vai de encontro ao texto.

O movimento previsto para a produção da subjetividade, prevê a coexistência de vários universos existenciais que se entrecruzam em linhas de virtualidade, permitindo a essas instâncias as possibilidades de momentos de eternidade. O que, mais uma vez,

inferimos ao processo de leitura, desta vez proposto por Umberto Eco ao definir o texto como sendo composto por espaços em branco a serem preenchidos pelo leitor. Ou ainda ao que diz Ítalo Calvino, ao vislumbrar na leitura da literatura o modelo das redes dos possíveis, uma idéia de infinitos universos contemporâneos em que todas as possibilidades se realizam.

Na Constelação de Universos Existenciais, segundo Guattari, as linhas de virtualização de cada paradigma e a territorialização dos universos existenciais entrarão em funcionamento no destaque de um “motivo” existencial, que se instaurará como um atrator no seio do caos sensível e significacional. A esse “motivo” Bakhtin chamou de *ritornelo*, que é a capacidade de fixação diante de um determinado contexto que naquele momento funciona como um nó existencial projetivo.

Para a definição de *ritornelo*, Guattari utiliza-se de vários exemplos, como o de numerosas espécies de pássaros em que determinadas seqüências de canto servem para seduzir o parceiro sexual ou afastar intrusos, ou, ainda, avisar sobre a chegada de caçadores. Mas, para que isso ocorra, cada canto deve ser um ritornelo bem definido, deve representar um início de acontecimento.

O ritornelo permite o retorno capaz de instaurar um novo significado dentro das mais diversas plataformas de fenômenos. No entanto, o ritornelo na sociedade de hoje não se apresenta de maneira tão clara. Estaríamos falando, do que Guattari chamou de *Ritornelo Complexo* e até de *Ritornelos Hipercomplexos*, em que um conjunto de símbolos consegue, por exemplo, em um único módulo temporal catalisador, nos mergulhar na tristeza ou, então, em um clima de alegria e animação.

De maneira bem prática, poderíamos pensar na seguinte seqüência. Ao “soar” um determinado *ritornelo*, dá-se a atração da *hecceidade*. Nesse momento, os *paradigmas* de certo universo existencial começam a ser configurados (ou atualizados) até que um desses paradigmas *territorialize-se* e forme uma *subjetividade*.

Esse movimento de produção da subjetividade, hoje, encontra-se ameaçado de paralisia, alerta-nos Guattari. Os ritornelos que deveriam provocar um motivo existencial para o indivíduo, na sociedade moderna, não conseguem funcionar como um atrator que motive e dê significado a sua existência. Isso se deve ao fato de estarmos vivendo, cada vez mais, longe de nossas origens culturais, da terra natal, do seio familiar.

Estamos perdendo nossos universos de referência e, conseqüentemente, estamos perdendo a nossa essência, aquilo que é considerado como o fundo do ser, em oposição às modificações que apenas o atingem superficialmente ou temporariamente.

*A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado* (Guattari, 1992, p. 169.) Hoje observamos, por exemplo, toda a indústria do turismo promovendo propagandas que têm um único modelo, como se todos os locais turísticos do mundo oferecessem apenas aquela imagem pronta: praia, sol, areia. E o mesmo se dá com todo o conjunto de ofertas nesse tipo de negócio: estadia, passeios, viagem. Tudo é disposto de um modo previsto.

Ao mesmo tempo que o mercado nos oferece todo tipo de produtos que circulam livremente pelo globo, encontramos-nos dentro de uma vida padronizada, em que nossas subjetividades desempenham os papéis previstos para esse modelo de sociedade. Nossas opções parecem com escolhas próprias, mas, na verdade, são a resposta para aquilo que já está programado.

Essa oferta irrestrita, mas repetida, são as pseudo-opções que compreendem o plano da organização da subjetividade. Logo, percebemos que:

(...) a subjetividade de inúmeros indivíduos está presa, paralisada em paradigmas pseudocientíficos tomados de empréstimo, de preferência, às ciências duras: a termodinâmica, a topologia, a teoria da informação, a teoria dos sistemas, a lingüística etc. (GUATTARI, 1990, p. 18.)

A maneira extremamente objetiva e prevista de vida assemelha-se ao que Jean Baudrillard chamou de “o acontecimento”. Criticando a sociedade que vive um espetáculo de acontecimentos, ele diz que essa seria a nossa maldição: vivermos em um mundo excessivamente real.

Em tal mundo, há, não uma comunicação, e sim uma contaminação de tipo virótico, tudo passa de um para o outro de maneira imediata. A palavra promiscuidade diz a mesma coisa: tudo aí está de forma imediata, sem distância, sem encanto. E sem um verdadeiro prazer. (BAUDRILLARD, 2001, p.3)

Guattari alerta-nos para os engodos que nos são propostos a cada dia, na forma de um mundo infantilizado com sujeitos caricatos que parecem ter sido produzidos em série. A possibilidade de sair dessa paralisia seria resgatando campos de virtualidade, uma vez que o inconsciente se fixa ao passado apenas enquanto nenhum outro engajamento o faz projetar-se para um outro momento. “*O que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas.*” (GUATTARI, 1990, p. 18)

O termo *estética* utilizado por Guattari está diretamente ligado à dimensão do belo, daquilo que inspira sensações de deleite e prazer. O estético seria a qualidade daquilo que advém da sensibilidade apreciativa de todas as coisas, como Kant definiu em sua *Crítica da Razão Pura* e, em seguida, na *Crítica do Juízo*, o estético é subjetivo e descompromissado, não é mais a ciência do belo, mas a da apreciação estética. É aquilo que agrada e que dá prazer.

A estética existe, para Guattari, como a capacidade de reinvenção, retomada do zero que reacende a força da subjetividade em sua capacidade de constante produção: do contrário, os processos se congelam numa mortífera repetição.

Além da qualidade estética, Guattari chama a atenção para a ética. Um paradigma não pode desconsiderar o plano social de ação da subjetividade, é preciso que essa subjetividade esteja em harmonia com o todo social e político.

Invocando paradigmas éticos, gostaria principalmente de sublinhar a responsabilidade e o necessário “engajamento” não somente dos operadores “psi”, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc) é eticamente insustentável se abrigar, como frequentemente fazem certos operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um corpus científico. (GUATTARI, 1990, p.21)

Uma vez em funcionamento, é preciso cuidar para que a subjetividade não seja produzida unicamente dentro de paradigmas da tecnociência. Essas realizações paradigmáticas técnico-científicas dão ênfase ao mundo objetivo, mantendo alheios os afetos subjetivos, de modo que o finito, o delimitado coordenável, acabe sempre prevalecendo sobre o infinito de suas referências virtuais.

A partir da definição da subjetividade produzível elaborada por Gilles Deleuze e Felix Guattari em *Mil Platôs*, Guattari desenvolve um estudo por ele chamado de *Três Ecologias*, onde defende o desenvolvimento de paradigmas ético-estéticos, como a possibilidade de reorganização do caos. Para tanto, segundo ele, devemos realizar cada vez mais essas subjetividades considerando a apreciação prazerosa de cada indivíduo do mundo a sua volta (uma dimensão estética), sem ignorar a responsabilidade coletiva e de cada um sobre o bem comum (uma dimensão ética).

As dimensões ética e estética, para Guattari, são imprescindíveis para uma liberação do mundo das forças catalisadoras das subjetividades. Uma forte possibilidade para uma evolução humana pautada no reconhecimento da sociedade, da natureza e de si mesmo.

Nessa perspectiva, é que apontamos a literatura como um caminho estético capaz de colocar em funcionamento a produção de uma subjetividade menos previsível, mais original, mais significativa.

Vale lembrar que os paradigmas que concorrem para a formação de uma subjetividade não são por si objetivos ou predeterminados, eles também são compostos por linhas de virtualização. Quanto ao paradigma ético-estético, esse por sua vez, já nasce com uma dimensão maior, um chamado à liberdade de criação dos homens. Para Guattari, a obra artística pode ser um exemplo perfeito desse tipo de paradigma.

Guattari em seu livro *Caosmose: um novo paradigma estético* cunhou o termo *novo paradigma* ao referir-se ao paradigma estético. Para ele, o homem inserido no mundo moderno não consegue viver mais sob o baluarte da cientificidade que determina modelos de ações e comportamentos, sejam eles modelos humanos ou institucionais. O problema advindo da aceitação dessas práticas reside na persistência da repetição de moldes e estereótipos típicos da tecnociência que, segundo Guattari:

...dão ênfase a um mundo objetivo de relações e de funções, mantendo sistematicamente entre parênteses os afetos subjetivos, de modo que o finito, o delimitado coordenável, acabe sempre prevalecendo sobre o infinito de suas referências virtuais. (GUATTARI, 1992, p.129)

Essa seria a caracterização do *velho paradigma*, que, apesar de todas as “mudanças” ocorridas no modo de viver do homem moderno, continua sofrendo a interferência direta do significante capitalístico. Por mais que estejamos aptos a modificar as nossas relações com o outro e com o mundo, esse significante derivado do modelo econômico a que o mundo foi submetido consegue sobrecodificar instâncias de subjetividade que deveriam evadir-se, como aquelas ligadas às afetividades familiares, sexuais, religiosas, por exemplo.

No entanto, há um campo da percepção e de afeto estético que permanece como foco de resistência e re-singularização face às redundâncias canônicas e imposições sistêmicas, e isso graças à abertura precária das linhas de fuga virtuais. A esse campo de resistência podemos aproximar o sentido do novo paradigma:

O novo paradigma condiz com uma dimensão de criação em estado nascente, cujo limiar decisivo de constituição reside na aptidão desses processos de criação para se auto-afirmar como fonte existencial, como máquina autopoietica. (Guattari, 1992, p.129)

Sendo assim, o novo paradigma funcionará como uma desterritorialização contínua e veloz da subjetividade, cuja territorialização só se realizará na condição de elementos e pontos de vista autopoieticos, ou seja, autoprodutivos.

Nesse caso, a literatura aproxima-se bastante desse motor autopoietico, uma vez que sua realização é resultado de uma interação entre texto e leitor, por meio de um mecanismo de sedução e convencimento. Como nos lembra Jauss (H. R. Jauss, 1976, p.43-48.), ao propor sua teoria acerca da estética da recepção, a práxis estética se dá como atividade produtora, receptiva e comunicativa (*poiesis, aistesis e katharsis*), e essa capacidade é sempre de fruição, pois a cada encontro, o texto é recebido e interpretado de uma nova maneira. O processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido se reconstrói a cada encontro. O que faz da literatura um construto resultante da interação entre leitor, texto e mundo.

O próprio Guattari indica a arte literária, ao lado das artes plásticas, como exemplo claro de um novo paradigma:

Os novos paradigmas devem suceder como na pintura ou na literatura, domínios no seio dos quais cada desempenho concreto tem a vocação de evoluir, inovar, inaugurar, aberturas prospectivas, sem que seus autores possam se fazer valer de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um conservatório ou de uma academia... (GUATTARI, 1990. p. 22)

A liberdade de criação do objeto artístico faz dele um elemento aberto e provocativo para seu público. A arte valoriza e permite um engajamento do criador e de seu intérprete em um exercício contínuo de identificação e estranhamento, no qual se é possível reconhecer o próprio mundo e, por consequência, também a vida.

No momento em que intérprete e criador se dispõem a participar da obra de arte, suas subjetividades são lançadas rumo a uma nova realização. Nesse caso, a nova realização da subjetividade partirá de um momento não-subjetivado previamente, o que estimulará o funcionamento da máquina de produção da subjetividade. É devido a essa capacidade de promover rupturas que a arte torna-se eficaz para este processo.

Quando uma subjetividade sofre uma ruptura, dá-se o movimento brusco de funcionamento da máquina de produção da subjetividade, um verdadeiro solavanco em que determinado paradigma se evade, deixando aberto o fluxo do plano de consistência (a hecceidade). Antes que a subjetividade em vigor pare de funcionar, entra em cena uma subjetividade de emergência. Livre de adequar-se à realidade de ruptura, compete a essa outra subjetividade o “estranhamento”. Nesse instante importa perceber a ação de um ímpeto rítmico mutante capaz de gerir um novo edifício existencial.

Esse seria o primeiro passo dado pelo apreciador, leitor ou intérprete rumo à significação da obra de arte: o estranhamento diante de algo mágico, que torna explícito o contato com o novo e com o desconhecido. A ação repentina proporcionada pela arte é facilmente associada a sua capacidade de vanguarda. Nesse sentido, para Guattari, toda a arte é vanguardista, pois sua característica principal reside na capacidade de autoprojetar-se como um motivo existencial inédito. A partir da arte, tudo deveria ser repensado, recriado, retomado do zero, evitando-se a repetição inconsciente.

A produção da subjetividade em contato direto com o objeto artístico realiza o movimento de criação que garantirá a intensidade dos processos evolutivos. Para Guattari, há uma maneira da humanidade evoluir sem destruir a si e à natureza em sua volta. Essa trajetória evolutiva deveria começar pela produção da subjetividade pautada em paradigmas estéticos, a exemplo do que acontece com a obra de arte.



Em se tratando da literatura, especificamente, devemos tomar o percurso da leitura da obra literária como um momento de intensa produção da subjetividade, uma vez que ao leitor são expostas categorias que carecem de preenchimento para que a própria obra se realize. O preenchimento dessas categorias exige o movimento da subjetividade do leitor, um jogo de provocação e resposta que atinge, também, o contexto onde se localiza o leitor e obra de arte.

Essa experimentação do funcionamento de subjetividades em um outro plano que não o da realidade, consegue atrair o leitor para a revisão da realização dos paradigmas aos quais a sua subjetividade vem sendo territorializada, por mais enigmático e diferenciado que sejam os conteúdos expostos.

Possivelmente, o caminho da arte é uma maneira viável de deslocarmos nossos paradigmas objetivamente dispostos em um universo virtual. Um exercício sem grandes pretensões, mas capaz de superar as previsões do leitor e até mesmo do autor da obra sobre o alcance de sua ficção.

A capacidade de adentrar o espaço da arte, criar novos paradigmas, movimentar-se em meio a diferentes universos de valor, reconhecer *ritornelos* e logo em seguida zerar todo o processo, para mais a frente reiniciar outros processos é a performance da máquina de produção da subjetividade em pleno vapor.

Interromper esse fluxo criativo tem sido a causa da estagnação da humanidade, da repetição de práticas reducionistas, da recorrência ao lugar comum, da canonização do já conhecido, premeditado e controlável. Em contrapartida, lançar questões, expor conflitos, constatar diferenças, requerer o senso crítico, explorar e denunciar a insistência de velhos paradigmas pode ser o meio de valorizar a capacidade humana de lidar com o novo.

Ao contribuir para o movimento de produção de subjetividades, a literatura situa-se no limiar entre os mundos da ficção e da realidade. Platão em seu *livro X de A república* dedicou-se a uma discussão que até hoje não está esgotada, que é justamente o limiar entre ficção e realidade. A *mimeses* presente na arte não pode ser rigorosamente comparada à realidade, já alertava Platão, mas deve ser valorizada por sua capacidade de promover a fruição da sensibilidade humana, representada pelos seus medos, desejos, angústias, paixões etc. Temperamentos e sentimentos que, na maioria das vezes, são controlados pelo nosso senso racional.

A arte, no entanto, e especificamente a literatura, a qual se refere Platão ao citar os gêneros Tragédia e Comédia, respectivamente, seria o portal capaz de revelar-nos aquilo que faz parte da natureza humana, livre dos pudores e limites impostos pela cultura.

A capacidade de mergulhar o homem nas experiências mais essenciais por meio das narrativas heróicas, a exemplo de Homero, segundo Platão, explica a razão pela qual a literatura seduz e fascina o homem, mais do que qualquer ensinamento moral ou científico.

A categoria do possível e realizável presente na literatura aproxima-a do conceito de *dobra*, antes cunhado por Foucault como *um si mesmo constituído como núcleo de resistência frente a poderes e saberes estabelecidos* e, em seguida, tomado por Deleuze como *uma zona visível onde é possível, alojar-se, enfrentar-se, apoiar-se, respira; em suma, pensar* (DELEUZE, 1992, p.138)

A *dobra*, ou mesmo o espelho de que falou Platão em seu livro X de *A República*, não é exatamente a realidade, nem puramente uma evasão, trata-se do fronteiroço, do momento de passagem, de fluxo e fruição.

A literatura, entendida aqui como um novo paradigma, empenha-se em manter um canal que crie as condições necessárias para a subjetividade resistir às pressões sistêmicas, à medida que perfaz um caminho de imersão no caos e retorno à subjetividade investida, de alguma forma, de uma carga de complexidade. Um movimento que se assemelha ao percurso realidade/ficção e vice-versa.

Ao iniciarmos o processo de leitura, mergulhamos no caos, e ao sairmos dele percebemos-nos investidos de novas cargas de complexidade. Guattari chamou esse movimento de dobragem caótica: a interface entre a finitude sensível e a infinitude transsensível. Sendo assim, o movimento se dá continuamente entre o finito e o infinito.

O processo de produção das subjetividades é assegurado pela imersão na ficção e consecutiva desterritorialização de condutas predeterminadas para possíveis criações de novos paradigmas. A leitura da literatura, como já dissemos aqui, promove um momento de dessubjetivação, uma ação necessária para por em movimento a máquina de produção de subjetividades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Tradução Júlia Elisabeth Levy, Austin Wernet, Jorge Mattos Brito de Almeida e Maria Helena Rischel. São Paulo: Paz e terra, 2002. (Coleção Leitura;51)
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total: mito-ironias na era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A ilusão vital*. Tradução Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Senhas*. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. Annablume, 10ª ed, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Ruanet. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. Ed. Vozes, 1998.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. E GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vols. 1, 2 e 3. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992. 208p.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, São Paulo: Papiros, 1990.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

- H. R. JAUSS. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: A literatura e o leitor. Luiz Costa lima (ed), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KOTHE, Flávio R. (org). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 2ªed. 1991.(coleção grandes cientistas sociais)
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. 2ª ed, São Paulo: Martins fontes, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa., 2ª ed. São Paulo, Ed. 34, 2000.
- OLSON, David. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática, 1997.
- PLATÃO. *A República*. Tradução: Pietro Nassetti. Saão Paulo: Martin Clarim, 2001.
- SILVA, Tomás Tadeu. *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano*. in: Antropologia do ciborgue, as vertigens do pós-moderno. Organização e trad, Tomáz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- \_\_\_\_\_(org.) *Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Cultural e educação. Um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000;.
- TOURAINÉ, Alain & KHOSROKHAVAR, Farhad. *A emergência do sujeito*, in: *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Betrand, 2004.